

A DIMENSÃO ÉTICO-EXISTENCIAL DA SUSTENTABILIDADE

THE ETHICAL-EXISTENTIAL DIMENSION OF SUSTAINABILITY

Josemar Soares*

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é demonstrar como o critério ético do humano pode proporcionar uma compreensão mais completa do sentido da sustentabilidade. Percebe-se que quanto mais a sociedade e a ciência avançam, maior é o desligamento das pessoas do mundo em que vivem e, conseqüentemente, de si mesmas. O resultado da pesquisa consiste na percepção de que existe uma relação profunda e indissociável entre o homem e todo o ambiente a sua volta, ou seja, com a natureza, com a sua casa, com o seu próprio corpo, com as outras pessoas, com o mundo como um todo. Com a crise de percepção da pós-modernidade houve-se um esquecimento dessa relação, sendo o critério ético do homem uma forma de reencontrar essa relação. O método utilizado foi o indutivo através da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Critério Ético do Humano. Pós-modernidade.

ABSTRACT

The objective of this study is to demonstrate how the human ethical criterion can provide a more complete understanding of the meaning of sustainability. It is noticed that the more society and science advance, the greater is the shutdown of the people from the world they live in and, therefore, from themselves. The research result is the perception that there is a deep and inseparable relationship between man and the whole environment around him, therefore, with nature, with his house, with his own body, with other people, with the world as a whole. With the crisis of perception of postmodernity there is a neglect of this relationship, and the human ethical criterion is a way of finding this relationship again. The method used was the inductive through bibliography research.

Keywords: Sustainability. Human Ethical Criterion. Postmodernity.

INTRODUÇÃO

A tecnologia certamente é uma obra-prima da inteligência humana. Filosoficamente, não podemos pensar a sustentabilidade como uma contraposição entre Natureza e Desenvolvimento, mas em como a tecnologia pode preservar e aprimorar a Natureza para o bem humano.

Fala-se no tripé da sustentabilidade: meio ambiente, homem e social. No entanto, não podemos considerar essa relação apenas como uma busca por harmonia, no sentido de que o desenvolvimento social não poderia resultar em degradar o meio ambiente.

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009), Mestre em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí (2003) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1999). Professor dos cursos de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica, do Mestrado em Turismo e da graduação em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí UNIVALI. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Extensão Paidéia do CNPQ. jsoares@univali.br.

Essa harmonia é indispensável, mas não suficiente. Sustentabilidade é como construir relações entre esses três elementos que resultem em progresso e desenvolvimento humano. Não basta preservar o meio ambiente, é preciso preservá-lo e aperfeiçoá-lo. O nosso meio ambiente não é apenas aquela parte que vemos como “verde”, mas inclui também nossas cidades, nossos bairros, nossas casas, nossos quartos. O nosso meio ambiente é o mundo inteiro. A sustentabilidade precisa alcançar todas essas dimensões.

No ambiente pós-moderno, perdeu-se essa visão aprofundada da sustentabilidade, o critério ético do humano pode auxiliar na recuperação da percepção da relação homem e ambiente.

1 O CONTEXTO PÓS-MODERNO

Jean-François Lyotard¹ chama de pós-moderno o estado cultural após as transformações que afetaram as regras da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX. A era pós-moderna representa o progresso das ciências, que teve como efeito a incredulidade em relação aos metarrelatos, a filosofia metafísica e a instituição universitária que dela dependia entram em crise.

A lógica da sociedade pós-moderna implica uma comensurabilidade dos elementos e a determinabilidade do todo. Para os decisores a vida fica reduzida ao aumento do poder. Sua legitimação em matéria de justiça social e de verdade científica seria a de otimizar as performances do sistema. O critério de operatividade é tecnológico, porém ele não é pertinente para julgar o que é certo ou justo².

O pós-modernismo representa uma busca desenfreada pelo progresso tecnológico e a propagação de uma ideologia do consumismo constante, como consequência vivemos em um mundo onde aquilo que produzimos precisa ser consumido o mais rápido possível, para que novas produções surjam. Se por um lado isto impele o homem a pesquisar, criar e produzir sempre mais, por outro acarreta um estado de finitude existencial do indivíduo, que passa a buscar a felicidade apenas no consumo momentâneo de bens. Além disso quem fornece a matéria-prima é o nosso mundo, que passa a ser explorado cada vez mais.

O mundo pós-moderno é o mundo globalizado, em que a comunicação entre as pessoas praticamente tornou-se instantânea, eliminado a barreira do tempo e do espaço. A internet aproximou a todos, colocando as diferentes culturas estão em constante comunicação. Esta facilidade de acesso à informação gera um cenário competitivo no mercado de trabalho.

¹ LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998. p. XV-XVI.

² LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. p. XVI-XVII.

O indivíduo que conseguir criar algo novo de destaque conseguirá o retorno de seu esforço, seja numa inovação empreendedora ou tecnológica.

Ao mesmo tempo em que a sociedade globalizada permite um desenvolvimento gigantesco, com vastas oportunidades de comércio, fluxo de capitais, avanço tecnológico, crescimento da qualidade de vida e assim grande oportunidades de desenvolvimento econômico, há grandes riscos de crises financeiras, inseguranças, pobreza, desigualdade social, danos ambientais, entre outros.

O desenvolvimento da sociedade pós-moderna resultou no desenvolvimento de avançadas tecnologias e enormes metrópoles, porém não sem trazer severas consequências ao ambiente e a todos os seres humanos que dele dependem. A poluição desmedida resulta em doenças à espécie humana. A utilização da tecnologia para a busca de poder através de guerra resulta na morte de milhões de pessoas.

Ao final do século XX o dano ambiental tornou-se componente integral na dinâmica social, econômica e política. As lesões às condições naturais da vida se transformaram em ameaças médicas, sociais e econômicas globais para todos os seres humanos, gerando desafios completamente novos as instituições sociais políticas da sociedade mundial industrializada, caracterizando a chamada sociedade de risco³.

Michel Serres de forma poética faz grande crítica as consequências trazidas pelo avanço das ciências e tecnologia em sua obra *O Contrato Natural*, como no seguinte trecho:

Pergunta: mas quem, portanto, inflige ao mundo, inimigo objectivo comum a partir de agora, esses prejuízos que esperam sejam ainda reversíveis, esse petróleo derramado no mar, esse óxido de carbono evaporada para a atmosfera em milhões de toneladas, esses produtos tóxicos trazidos pelas chuvas..., de onde chegam essa imundícies que sufocam com asma os nossos filhos e enchem de manchas a nossa pele? Quem, a não ser as pessoas, singulares ou públicas? Quem senão as enormes metrópoles, simples número ou subconjunto de vias? Os nossos instrumentos as nossas armas, a nossa eficácia, enfim, a nossa razão, em relação aos quais nos mostramos legitimamente ineficazes: o nosso domínio e as nossas possessões⁴.

Domínio e possessão, eis a palavra-chave lançada por Descartes, no limiar da idade científica e técnica, quando a nossa razão ocidental partiu à conquista do universo. Dominamo-lo e apropriamo-nos dele: filosofia subjacente e comum à empresa industrial e à ciência dita desinteressada, não diferenciáveis a esse respeito. O domínio cartesiano corrige a

³ BECK, Ulrich. *La sociedad del riesgo: Hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós, 1998. p. 89.

⁴ SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1979. p. 56.

violência objetiva da ciência como estratégia bem regulada. A nossa relação fundamental com os objetos resume-se à guerra e à posse⁵.

O desenvolvimento da sociedade pós-moderna resultou no desenvolvimento de avançadas tecnologias e enormes metrópoles, porém não sem trazer severas consequências ao ambiente e a todos os seres humanos que dele dependem. A poluição desmedida resulta em doenças à espécie humana. A utilização da tecnologia para a busca de poder através de guerra resulta na morte de milhões de pessoas.

O homem de hoje teria um pensamento mais calculista e menos reflexivo, caracterizando o que Heidegger chama de era técnica ou era atômica, em que o homem encontra-se em uma posição totalmente nova em relação ao mundo que agora aparece como um objeto sobre o qual o pensamento calculista investe, sendo que nada mais pode resistir aos seus ataques⁶.

Edmund Husserl fala que as ciências estão em crise por seguirem a linha do positivismo, o qual assegura que a objetividade está intimamente ligada à observação controlada, através da qual não é possível observar cientificamente se não através de técnicas que mensurem e controlem. O homem ao tentar buscar explicações de sua existência apenas na lógica, no pragmatismo, na objetividade técnica, parece ter perdido sua significação humana.

Os ensinamentos de Husserl podem ser observados na utilização da ciência sustentável. As tecnologias que causam danos ao meio ambiente causam danos aos seres humanos, indissociáveis da natureza. O desenvolvimento de tecnologias não pode esquecer de ter o homem e o seu meio como centro.

Por exemplo, há toda a polêmica que gira em torno dos alimentos transgênicos, suas vantagens são inúmeras⁷, mas não se pode deixar de analisar suas consequências, como as toxinas produzidas pelos organismos geneticamente modificados que eliminam insetos e microorganismos benéficos à agricultura. Além disso, a troca de pólen pode contaminar as plantações convencionais colocando em risco a biodiversidade⁸.

⁵ SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1979. p. 56.

⁶ HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

⁷ Biorremediação, redução de impactos ambientais, maior resistência e adaptação das plantas, alteração dos ciclos de produção, maior síntese de vacinas e fármacos e ainda com menor custo, são alguns exemplos de vantagens trazidas pelos alimentos transgênicos. GUERRANTE, Rafaela Di Sabato. *Transgênicos: uma visão estratégica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2003. p. 27-32.

⁸ GUERRANTE, Rafaela Di Sabato. *Transgênicos: uma visão estratégica*. p. 34-37.

Hanna Arendt diz ser a Terra a própria quintessência da condição humana, e até onde a humanidade sabe, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício⁹.

O mundo, artifício humano, separa a existência do homem de todo o ambiente meramente animal, mas a vida em si permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os organismos vivos. Porém, o que se vê recentemente é uma tentativa da ciência em tornar artificial a própria vida e cortar o último laço que faz do homem filho da natureza¹⁰.

Em uma eterna tentativa da ciência de buscar cada vez mais a perfeição e a solução de todos os problemas do ser humano, ocorre frequentemente uma robotização das pessoas através do avanço tecnológico. O que se percebe é que quanto mais a sociedade e a ciência avançam, maior é o desligamento das pessoas do mundo em que vivem e conseqüentemente de si mesmas.

Na pós-modernidade, a sociedade com todos os seus sistemas parciais, como a economia, a política, a família, a cultura, não permite uma compreensão autônoma a respeito da natureza. Os problemas do meio ambiente são problemas sociais, do ser humano, de sua história, de suas condições de vida, de sua referência ao mundo e a realidade, de seu ordenamento econômico, cultural e político. Há que se dizer que a natureza é a sociedade e a sociedade é a natureza. Falar da natureza como algo a parte da sociedade é seguir entendimentos retrógrados que não acompanham a realidade¹¹.

Nesse cenário, a sustentabilidade torna-se fundamental. Compreende-se o desenvolvimento sustentável como sendo a conciliação entre a preservação do ambiente e o desenvolvimento socioeconômico, gerando grandes oportunidades de *business* que além de gerar grande lucro, auxilia o homem a viver na harmonia com o ambiente, assunto tratado por intelectuais como fundamental há mais de 2.500 anos.

Ecologia (oikos + logos) é uma palavra de origem grega. Oikos significa ‘casa, lar’, e logos traz a ideia de ‘razão, estudo, discurso’. Sustentabilidade tem profunda relação com esta mensagem. Viver sustentavelmente é viver em harmonia e também conhecer profundamente a nossa casa, o nosso mundo. Um homem que sabe viver de modo sustentável aproveita a Natureza para si mas sem denegri-la. Porque vê a Natureza, o mundo e a cidade todas como suas casas.

⁹ ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 10.

¹⁰ ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. p. 10.

¹¹ BECK, Ulrich. *La sociedad del riesgo: Hacia una nueva modernidad*. p. 90.

No entanto, como viver de modo sustentável? Qual o critério que identifica se esta minha ação aperfeiçoa ou prejudica a mim e ao meio ambiente? O critério não é apenas a partir do meio ambiente, nem apenas financeiro, é um critério ético a partir do homem.

O critério é o ponto fundamental para identificar o bem e distingui-lo do mal e é constituído pelo modo de ser humano, pela sua natureza, pelo modo como foi constituído em seu ser e não apenas pelo modo de pensar. O critério sempre confirma a identidade humana e discrimina o que convém para reforçar o humano e apontar o que é útil e benéfico em cada relação, porém, para encontrar essa percepção, é fundamental o conhecimento de si mesmo, e assim, o conhecimento que foi feito e existe dentro de um contexto organizado, é um elemento de uma ordem ou lei universal¹².

Na era pós-moderna em que vivemos, é função da ética determinar qual é o critério necessário para conseguir ser bem sucedido financeiramente e promover a sustentabilidade em meio a tantas crises que abalam a sociedade e as pessoas em uma era tão complexa.

2 O CONCEITO DE ÉTICA E O CRITÉRIO ÉTICO DO HUMANO

O papel da ética na sustentabilidade assume papel fundamental tendo em vista que a humanidade encontra-se em um ponto crítico em relação ao meio ambiente. A visão de que os recursos naturais são inesgotáveis foi ultrapassada, sabe-se hoje que seus recursos são limitados e muitos não renováveis. A água doce é o bem mais escasso da natureza, apenas 0,7% é acessível ao consumo humano; a energia fóssil, o petróleo, tem seus dias contados e o crescimento demográfico é ameaçador. Já foi ultrapassado em 20% a capacidade de suporte e reposição da biosfera¹³.

2.1 Conceito de Ética

Ética deriva do grego *ethos*, que significa hábito, costume. Em geral entende-se ética como a ciência da conduta humana, a busca por tentar identificar tanto as causas que condicionam o agir do homem como a finalidade da ação¹⁴.

A ética pressupõe um sistema de princípios e valores que separa e define o certo e o errado, o justo e o injusto, o bem e o mal, a virtude e a não-virtude. A ética pode ser vista como um conjunto de preceitos que norteiam o que deveria ser uma boa vida, neste caso, se

¹² VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. IESDE Brasil S/A: Curitiba, 2008. p. 120, 130-131.

¹³ BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 67-68.

¹⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1992. p. 380-381.

aproximando da estética, mas a ética também se aproxima da lógica, envolvendo o estudo sistemático, baseado na lógica formal e informal, da moralidade dos atos e suas consequências¹⁵.

O esforço da pedagogia para um critério ético que possibilite o aprimoramento tanto da vida individual como social já possuía ampla dimensão na Grécia antiga, dentro do espírito da Paideia. Para o célebre pensador alemão Werner Jaeger, a Paideia seria o processo histórico e espiritual grego que conduziu à formação de um tipo elevado de homem. Este homem vivia o *ethos* virtuoso e excelente (*arete*) consolidado com o cultivo de uma inteligência aprimorada filosoficamente porém praticada de modo exato na existência em geral¹⁶.

2.2 O Critério Ético do Humano

Cada época possuiu seu critério para organizar a vida em sociedade. Os medievais possuíam o divino e o religioso como critério. A palavra de Deus era a verdade última, em especial a da Bíblia. Os modernos trouxeram o valor da razão e do indivíduo. Depois vieram as instituições. Vivencia-se hoje um novo momento. É necessário buscar um novo critério ético que seja capaz de promover o homem de forma mais integral.

Para surgir o critério ético do humano, é necessário um movimento de cada indivíduo de adequação à própria identidade de natureza humana. É preciso ainda que cada indivíduo cultive a própria existência possibilitando a si mesmo utilizar de modo mais adequado o próprio arbítrio. O indivíduo que aprende a agir conforme o seu critério de integridade passa também a criar melhores relações com os outros, pois suas ações passam a direcionar não tendo em vista a opinião ou as preferências momentâneas, mas aquilo que sua natureza lhe exige. Com isso argumenta-se que um indivíduo que aprimora a própria existência acaba por criar condições melhores de desenvolvimento também para os demais. Porém, esta condição somente é possível quando tal indivíduo aprende a seguir a sua identidade de natureza. “O bem para o homem é a decisão e o ato que promove a vida, sua funcionalidade e seu ser, tanto em relação ao sujeito como em relação à sociedade. A mesma identidade do ser estabelece a ordem do bem individual para o sujeito e do comum para a sociedade”¹⁷.

¹⁵ SILVA, Marcos Fernandes Gonçalves da. *Ética e Economia: impactos na política, no direito e nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. p. 2.

¹⁶ JAEGER, Werner. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

¹⁷ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 120.

O critério ético do humano, portanto, proporciona desenvolvimento tanto ao individual como ao coletivo, advindo daí seu caráter de relação. A própria ideia de critério deve seguir determinada relação, pois todo critério se funda numa medida que determina, tendo em vista a relação com algo, o que é certo ou errado. “O critério é sempre de relação. Se esta relação é estabelecida entre a vontade e a natureza é o critério ético do humano; se é da vontade com a fé temos um critério religioso; e se é do comportamento com a lei temos um critério democrático ou de opinião¹⁸”.

Sintetiza-se assim que o critério ético é estabelecido a partir da relação entre a vontade e a natureza. “O objeto da ética é o ato voluntário. A decisão da vontade é um ato interno. É uma ação que quando exteriorizada torna-se comportamento”.¹⁹ Com isto distingue-se também que “[...] o intelecto tende a verdade, a vontade tende ao bem.”²⁰.

O critério ético do humano depende de um cultivo existencial dos indivíduos. A orientação racional pelo critério ético caminha junto com o autoconhecimento.

O critério ético já pressupõe uma relação profunda entre homem e ambiente. Não há como cultivar a mim mesmo se isto exigir a destruição de onde vivo. Porém, para eu aprender a cultivar o meio ambiente preciso antes aprender a cultivar a mim mesmo. Como posso ajudar o mundo sem saber ajudar primeiro a mim? O critério ético exige o respeito pelo outro, pelo mundo e por si mesmo.

3 A SUSTENTABILIDADE ÉTICA-EXISTENCIAL: a relação entre homem e meio

A sustentabilidade é uma dimensão da ética, algo que busca garantir a vida, é uma questão existencial.

Protágoras, sofista do século IV a. C., já dizia “O homem é a medida de todas as coisas [...] das coisas que são porque são, e das que não são porque não são.”. Em síntese, o mundo é entendido sempre na medida do homem. Vive-se tudo na medida do homem. Tudo que se conhece é relativo ao homem.

Seja qual for a área da vida a qual se direciona (educação, direito, engenharia, poesia, música, matemática, biologia, administração, etc.), seja qual for o objeto que se estude, no fundo, sempre se estará vendo a si mesmo, entendendo a si mesmo. Saber que tudo que se contata é em relação a si é o mesmo que dizer que, seja qual for a relação que se faz com o outro, se com profundidade entender este outro, chegará o ponto em que este outro

¹⁸ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 120-121.

¹⁹ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 122.

²⁰ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 122.

desaparecerá e então será possível ver a si mesmo. Pois se em tudo que se contata é em relação a si, em tudo se encontra a si mesmo.

É essencial captar que o homem é um elemento que faz parte de um mundo, e que cada indivíduo constrói o seu próprio mundo, a partir de suas relações com as outras pessoas, objetos e o ambiente como um todo. Porém, na pós-modernidade, ocorre o que Frijot Capra chama de crise da percepção, caracterizada pelo pensamento estrito do materialismo-científico cominado com a compreensão separatista entre o indivíduo e o meio ambiente. É nesse cenário que o critério ético do humano permite que se tenha uma diferente visão da sustentabilidade, que corresponde a uma rede de conexões entre o sujeito e o objeto.

3.1 A derivação das coisas a partir dos fenômenos naturais

Primeiramente convém apresentar as primeiras ideias da relação do homem com o ambiente apresentadas pelos pré-socráticos, aqueles que formalizaram o chamado período cosmológico da filosofia grega, que investigaram o mundo em sua totalidade, o mundo como um organismo.

A primeira noção da relação entre o homem e o mundo encontra-se em Tales de Mileto, que teria sido o primeiro filósofo. Tales afirmava que a água era a origem de todas as coisas. A água seria o *physis*, que no vocabulário da época significava tanto fonte originário como processo de surgimento e desenvolvimento, correspondendo a gênese²¹.

Para Anaxímenes, o universo teria surgido através do duplo processo mecânico de rarefação e condensação de um ar infinito. O ar quando esquenta dilata-se e cria o fogo, e quando esfria se contrai e dá origem a água e depois à terra. Anaxímenes também constatou que o homem vive devido ao movimento de entrada e saída de ar²².

Xenófanos assinala que o mar é fonte de água, de ventos e tantos outros fenômenos, ou seja, o conhecido esforço dos pré-socráticos em demonstrar que há elementos naturais que podem ser representados como princípios de todos ou pelo menos vários fenômenos naturais.

Heráclito traz o mundo como fogo vivo, quase como um ser vivo, que está para além da necessidade de justificá-lo como criação de deuses ou de homens. O mundo é dinâmica constante, movimento fluído perene, tal como celebra a famosa frase que diz que um homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez, nem o homem nem o rio são os mesmos.

²¹ SOUZA, José Cavalcante de (Org.). *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1996. p. 15.

²² SOARES, Josemar. *Filosofia do Direito*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011. p. 78.

As várias citações de Empédocles abordam a proposição fundamental deste filósofo: nada se cria, nada se gera, tudo é resultado de transformação, que é essencialmente junção ou separação de elementos. A destruição ou morte de um ser não é o fim derradeiro, mas uma passagem, pois a matéria que revestia o ser morto retorna à natureza, propiciando vida a outros seres. O corpo dos animais gera alimento a outros; a água que cai da chuva evaporará e regressará à atmosfera. O ciclo natural é perfeito e contínuo, a vida e a morte são etapas da natureza para renovar a si mesma.

Uma das preocupações fundamentais entre os gregos antigos é pensar a sociedade na mesma lógica do cosmos, da natureza. Isto envolve totalidade, reciprocidade entre os indivíduos, etc.

3.2 Ecologia antropocêntrica

Para entender o conceito de sustentabilidade ético-existencial, é preciso entender o meio ambiente a partir do homem. O homem é um filho da terra, dela ele se alimenta e em seu corpo reproduz, em modo sintético, a ordem deste planeta. Há uma continuidade complementar entre homem e planeta. O homem aperfeiçoa o ambiente para efetuar o próprio crescimento²³.

Se o homem desconhece a si mesmo, não administra a própria vida com saúde e não aperfeiçoa e realiza o próprio projeto, conforme o critério ético, ele não cumpre a dignidade de ser superior e ofende o próprio valor. Todo o erro praticado contra si mesmo repercute na ordem do ambiente onde ele vive²⁴.

O ambiente é uma extensão do organismo do homem e reflete a ordem e desordem de quem é responsável por zelar e regular-se pelas leis imanentes na própria natureza. Se o homem não resolve suas doenças e conflitos, fará o ambiente adoecer e, o ambiente devolverá ao homem as agressões que sofre²⁵.

O centro que irradia a desordem é o homem, é ele que projeta e amplifica no meio a desordem da própria vida individual e coletiva. Dele parte o medo da catástrofe, os anúncios que reforçam a angústia e as previsões menos animadoras. A agressão da dimensão não realizada em si próprio não lhe permite ver o ambiente como sua extensão.

²³ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 167.

²⁴ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 168.

²⁵ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 168.

Ao invés do homem cultivar o autoconhecimento para resolver seus males, ele insiste em forçar a adaptação social e então pela salvação da desordem que ele mesmo insemina no ambiente²⁶.

A cultura e a ciência que o homem formalizou em base de uma consciência educada a olhar somente para o mundo externo, propiciou o avanço tecnológico, mas a insistência em adaptar o homem ao social manteve o homem em ignorância de si mesmo²⁷.

Nosso saber não necessita salvar e nem construir um novo planeta, mas precisa garantir um ambiente que não ofenda nem destrua a nossa vida. Sem compreender as regras da própria vida, sem saber ler todas as mensagens e depoimentos do próprio organismo, escritos por nossa alma inteligente, não saberemos organizar o ambiente sem que este ofenda a ordem do nosso corpo²⁸.

O progresso tecnológico deve ser acompanhado de uma ciência humana mais evoluída. A objetividade só é alcançada na síntese compreensiva que anula a aparente separação entre sujeito e objeto, entre corpo individual e corpo ambiente, entre matéria e inteligência²⁹.

3.3 A concepção sistêmica da vida

Para se entender de fato a relação entre ambiente e homem, é preciso primeiro entender a indissociabilidade entre sujeito e objeto, ou seja, compreender a vida como um sistema.

O problema é que o pensamento ocidental não percebe a unidade de todas as coisas, e sim opta-se por dividir o mundo em objetos e eventos isolados. É claro que essa divisão é necessária e útil para enfrentar o ambiente no dia a dia, porém não é uma característica fundamental da realidade, mas sim uma abstração elaborada pelo nosso intelecto afeito à discriminação e à categorização devido a falta de consciência e percepção dessa unidade³⁰.

²⁶ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 170.

²⁷ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 170.

²⁸ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 178-179.

²⁹ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 179-180.

³⁰ CAPRA, Frijot. *O Tao da Física: Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 103.

A vida humana é uma vida no mundo, e esse mundo existe para o homem, e se o homem age contra o mundo, mesmo assim age no mundo. Logo, é impossível isolar o homem (sujeito) do mundo (objeto), nem de fato, nem de conhecimento³¹.

Frijot Capra elucida que a própria física quântica mostra que não podemos decompor o mundo em unidades elementares que existam de maneira independente. Quando desvia-se a atenção dos objetos macroscópicos para as partículas subatômicas, o que se vê não é blocos de construção isolados e sim uma teia de relações entre as várias partes de um todo unificado³².

Todo e qualquer organismo é uma totalidade integrada e, portanto, um sistema vivo, desde a menor bactéria, passando pelas plantas e animais, até os seres humanos. No corpo de um ser humano, por exemplo, as células e os tecidos são sistemas vivos, sendo o cérebro o exemplo mais complexo. Porém, os sistemas não se resumem a organismos individuais e suas partes, os mesmo aspectos de totalidade são exibidos em sistemas sociais, como um formigueiro e uma colmeia no mundo animal e o núcleo familiar nos seres humanos, e em ecossistemas que consistem em uma grande variedade de organismos e até mesmo de matéria inanimada em interação mútua. A preservação de uma área selvagem não é de árvores ou espécies de animais, mas de toda uma complexa teia de relações entre eles³³.

Todos os sistemas naturais são totalidades cujas estruturas específicas resultam das interações e interdependência de suas partes. As atividades dos sistemas naturais envolvem uma interação simultânea e mutuamente interdependente entre seus diversos componentes, as propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora se possa discernir as partes individuais de um sistema, a natureza do todo é sempre diferente da simples união de partes separadas³⁴.

Michel Maffesoli fala que o eu, o objeto do conhecimento e o próprio conhecimento fazem um só corpo, numa perspectiva holística que parece a mais adequada para perceber a estreita ambição dos diversos elementos da sociedade complexa. A consciência de si, o meio natural e o social onde se está situado, e a compreensão do conjunto estão organicamente

³¹ KOJÈVÈ, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002. p. 48.

³² CAPRA, Frijot. *A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 40.

³³ CAPRA, Frijot. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 260.

³⁴ CAPRA, Frijot. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. p. 260.

ligados. É tal inserção que permite uma visão de dentro, essa intuição reprimida pela modernidade³⁵.

3.4 A relação sustentável entre o homem e o seu corpo

Compreendida a relação entre o homem e o ambiente como um todo, convém entrar nas relações específicas que compõem as diversas dimensões da vida humana, começando com a relação entre o corpo humano e sua psique.

Maurice Merleau-Ponty, em sua obra *Fenomenologia da Percepção*³⁶, traz a ideia de que a existência se dá de modo intersubjetivo, o “eu” se constrói na relação com o outro, e nesta dialética o corpo é fundamental, pois é abertura do eu para o mundo.

É pelo corpo que se contata o mundo. Através do corpo se vê, ouve, sente-se através do tato, do cheiro, do sabor. Por meio do corpo sente-se influências externas ressoarem nos órgãos internos. Pelo corpo sente-se o outro, sente-se os objetos e o mundo.

E o inverso também é verdadeiro: pelo corpo sente-se o outro e o mundo interagindo com o homem. Merleau-Ponty enfrenta de modo indireto a problemática da psicossomática, já proposta pela psicanálise. Há ligação entre corpo e mente, corpo e consciência. Tudo aquilo que acomete o corpo, possui relação com a existência do indivíduo. Nada que ocorre no corpo pode ser reduzido a apenas fenômeno biológico, em tudo há também participação da atividade psíquica.

Alguém que perde a faculdade da fala aparentemente poderia ser apenas um problema biológico, porém, se analisado mais a fundo, pode se descobrir que a pessoa não “perdeu” a fala, mas a “esqueceu”, eliminou-se, ou pelo menos reduziu-se consideravelmente, a comunicação com o mundo externo devido a uma forte angústia, e no desejo de não se comunicar com mais ninguém o indivíduo esquece a fala, assim não precisará mais suportar os outros.

Esquece-se a fala como esquecem-se momentos da infância, esquecem-se objetos, pessoas. Porém, ainda que a consciência possa esquecer, isso não significa que estas coisas deixem de existir, elas seguem presentes, fazendo realidade e o corpo expressa isso. O corpo sempre comunica tantas reações que o homem não capta racionalmente.

As possibilidades do significado de uma dor de cabeça, de um problema intestinal, de uma sensação repentina de frio quando a temperatura permanece a mesma, são múltiplas. O

³⁵ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 144.

³⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

importante a se entender é que o corpo é a primeira casa, e ela comunica tanto o que acontece com o morador interior, o “eu”, como a influência dos sujeitos externos, outras pessoas, objetos, lugares. Conhecendo o corpo, conhece-se melhor a primeira casa do homem e o modo como causa impacto com o mundo.

3.5 A sustentabilidade na relação com a casa

Entendida a relação entre a mente e corpo, parte-se para a compreensão da relação entre o sujeito e o ambiente em que vive. Gaston Bachelard em sua obra *A Poética do Espaço*³⁷ busca demonstrar como a casa é sempre expressão da existência e dinâmica psíquica de seu morador. Se o corpo é a primeira casa e sempre fala através do homem, a casa em que se vive é a primeira extensão do corpo e também sempre fala através do homem.

Para Bachelard o formato da casa influencia na vida do morador, podendo incrementar o seu potencial ou sufocar, causando regressão. Para o autor, seria preciso transcender a visão puramente objetiva e material da casa e ver que ela envolve toda a complexidade da dinâmica psíquica.

Bachelard aborda a casa como um microcosmo, um pequeno Universo em que vive apenas o morador. A casa é o reflexo do momento atual de espírito do morador. O modo como é decorada, como é posicionada as plantas e flores, como é reordenada os móveis e objetos, como é renovada com novos quadros, etc, em tudo isso revela-se um cuidado do sujeito com o seu pequeno mundo. A casa pode ser tanto um espaço de revigoração, de meditação, após longas jornadas de trabalho, proporcionando momentos especiais de contato consigo mesmo, como reforço ao enclausuramento, provocando mais stress e dor.

Bachelard também assinala que o desenho da própria casa pode ser utilizado como um teste com crianças. Pedir para uma criança desenhar sua casa é pedir que revele os seus sentimentos íntimos. Por exemplo, se a criança desenha uma chaminé com fumaça saindo dela, representa que há um fogo dentro da casa, um fogo tão vivo que pode ser visto saindo pela chaminé, ou seja, essa criança é feliz, vive em um ambiente positivo cheio de energia. No caso de uma criança infeliz, o desenho trará marcas de sua angústia. Uma criança que sofreu muito desenhará uma casa fria, estreita, fechada. As árvores ao redor são retas como se estivessem a vigiando. Em compensação, um desenho que na porta há uma maçaneta

³⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

mostraria uma funcionalidade, uma expressão de abertura. No seu valor simbólico a maçaneta mais abre do que fecha, é um detalhe esquecido nos desenhos das crianças mais rígidas³⁸.

Um detalhe de grande importância de união entre o morador com a sua casa e que frequentemente é deixado de lado ou delegado a terceiros é a atividade doméstica. Os serviços domésticos guardam ativamente a casa, a mantêm em uma segurança do ser. O trabalho doméstico se torna uma atividade criadora no momento que acrescenta um clarão de consciência em um gesto maquinal, o indivíduo faz fenomenologia esfregando um velho móvel, fazendo sentir novas impressões sob o âmbito doméstico³⁹.

O morador ao esfregar um móvel com um paninho de lã, que aquece tudo o que toca, passa um pouco de cera aromática em sua mesa, cria um novo objeto, integra o mesmo no estatuto da casa. Os objetos acariciados nascem realmente de uma luz íntima, chegam a um nível maior de realidade que os objetos indiferentes. Esses objetos propagam uma nova realidade do ser, assumindo não somente seu lugar em uma ordem, mas uma comunhão de ordem⁴⁰.

A casa é ponto de grande importância para o estudo fenomenológico dos valores da intimidade do espaço interior do ser, desde que seja considerada ao mesmo tempo em sua unidade e complexidade, integrando todos os seus valores particulares em um valor fundamental. A casa fornece simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens, em ambos os casos a imaginação aumenta os valores da realidade. Através das lembranças de todas as casas em que se encontra abrigo, de todas as casas em que se sonha habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que é uma justificação do valor singular de todas as imagens intimamente protegidas do morador⁴¹.

A expressão *ecologia* deriva do grego, com *oikos*, que significa lar, e *logos*, estudo, discurso. A casa é o primeiro mundo da pessoa. Não se pode tentar reorganizar o grande mundo, resolver seus problemas, se antes não se é capaz de fazer o próprio pequeno mundo em algo de valor e que estimule o aprimoramento.

3.6 O critério ético do humano e a sustentabilidade

³⁸ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. p. 84-85.

³⁹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. p. 79-80.

⁴⁰ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. p. 80.

⁴¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. p. 23.

Com os argumentos utilizados até aqui buscou-se trazer um maior esclarecimento sobre a relação intrínseca entre o homem e o ambiente a sua volta, porém, na era pós-moderna a percepção dessa relação é muito fraca.

O que falta na era pós-moderna é uma maior consciência do critério ético do humano, critério estabelecido a partir da relação entre a vontade e a natureza, que conforme Alécio Vidor permite um conhecimento mais exato do ser humano, de uma compreensão de como é constituída a natureza, através dele pode se chegar a indissociável relação existente entre o homem e todo o ambiente a sua volta⁴².

O critério ou ponto de referência em base ao que se julga o valor adequado do ambiente é o organismo humano, porque ao homem não compete criar o mundo, mas sim aprimorá-lo e adequá-lo para que ele próprio possa viver. O projeto é o homem e a projeção do saber deve estar em função do ser⁴³.

O critério é o ponto fundamental para identificar o bem e distingui-lo do mal e é constituído pelo modo de ser humano, pela sua natureza, pelo modo como foi constituído em seu ser e não apenas pelo modo de pensar. O critério sempre confirma a identidade humana e discrimina o que convém para reforçar o humano e apontar o que é útil e benéfico em cada relação, porém, para encontrar essa percepção, é fundamental o conhecimento de si mesmo, e assim, o conhecimento que foi feito e existe dentro de um contexto organizado, é um elemento de uma ordem ou lei universal. Partindo da compreensão do próprio corpo individual, descobre-se a melhor ordem para dar estrutura ao corpo social⁴⁴.

Através do conhecimento de si, encontra-se qual o critério de natureza, indicando a relação do homem e o seu ambiente e como essa relação deve ocorrer, abrindo-se as portas para uma nova ideia de sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário que no mundo atual haja uma expansão da ideia de sustentabilidade como uma simples preservação do meio ambiente, da natureza, para uma ideia muito mais ampla, em que a sustentabilidade corresponde às relações entre o ser humano e todos os elementos que compõem o mundo a sua volta. Falta ao homem uma maior consciência de si para que haja uma maior percepção da troca de informações constantes que existe entre o

⁴² VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 131.

⁴³ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 180.

⁴⁴ VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. p. 130-131.

meio e a pessoa, profundamente influenciada por todos os objetos e acontecimentos ao seu redor.

O critério ético do humano, critério de natureza que permite encontrar a percepção das relações a partir do conhecimento de si mesmo, indica onde está a relação homem e ambiente e como a mesma deve ocorrer para ser sustentável. Diante da crise da pós-modernidade, deve-se recuperar a percepção da relação sujeito e objeto a partir do critério ético e assim entender a sustentabilidade em sua forma mais ampla e profunda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1992.

ARENDT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BECK, Ulrich. *La sociedad del riesgo: Hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós, 1998.

BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAPRA, Frijot. *A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. *O Tao da Física: Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

GUERRANTE, Rafaela Di Sabato. *Transgênicos: uma visão estratégica*. Rio de Janeiro: Interciência, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

JAEGER, Werner. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

KOJÈVÈ, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1979.

SILVA, Marcos Fernandes Gonçalves da. *Ética e Economia: impactos na política, no direito e nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SOARES, Josemar. *Filosofia do Direito*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011

SOUZA, José Cavalcante de (Org.). *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

VIDOR, Alecio. *Filosofia Elementar*. IESDE Brasil S/A: Curitiba, 2008.